

# Exclusivo

# OS FEITOS DO “PENA DE AÇO”

O jornalista e escritor baiano João Carlos Teixeira Gomes, famoso por combater Antonio Carlos Magalhães em plena ditadura, fala com exclusividade ao *Cultura!*

Págs. C4 e C5

## ‘Estranho no ninho’

A inocente ida do  
Ricardo ao estádio  
Pág. C2

## 'A sede das águas' e 'Hamletiana'

O professor Lino Marfioli novamente  
brinda o caderno com sua poesia

Pág. C3

## Deusas da voz

A morte de Aretha Franklin deixa  
um vazio na música mundial  
Pág. C6



Um pouco de

# Cada arte...

## ESTRANHO NO NINHO

\*  
O. A.  
SECATTO  
oasecatto@bol.com.br  
www.oasecatto.com.br

**F**oram ao jogo. O Ricardo e o amigo. Ele com a camisa verde do time, short e um tênis com detalhes cor-de-rosa. O amigo, não.

Sentados na geral, o Ricardo sentiu uma mão cutucando forte seu ombro. O amigo arregalou os olhos quando um urso — que chamaremos apenas de Brutus — lhe perguntou:

— Você tá com ele?

— Quem? — desconversou.

— Você.  
— Eu o quê?  
— Você tá ou não tá com ele? — insistiu.

— Nem conheço.

O grandalhão voltou ao Ricardo.

— Beleza?

— Tudo ótimo

— respondeu; ele

ainda não tinha associado o tamanho do cara e sua expressão de descontentamento com iminentes hematomas.

— O pessoal da torcida aqui — ele apontou para os outros torcedores mal-encarados na parte de cima da arquibancada — quer um motivo para não te encher de mancha roxa.

— Como é que é?

O amigo já estava uns oito degraus pa-

ra baixo, misturado entre a torcida. O grandalhão continuou.

— Tem certeza que você torce para o nosso time?

— Claro.

— Que tenisinho é esse? — quis saber o Brutus.

— Nike.

— Ah, além de tudo, é engraçadinho — observou, levantando a mão aberta.

**O Ricardo engoliu em seco e fechou os olhos. Depois do tapa na nuca, todos puderam ver um estojo de maquiagem cair de seu bolso**

— Ai, ai, ai — soltou o brutamontes.

— Assim não vale.

— Não vale o quê?

— Você tirou as palavras da minha...

— disse o Ricardo, pondo uma das mãos na frente da boca, revelando cutículas tiradas e unhas com base transparente, mas brilhante.

O Brutus deu uma última chance de defesa.

— Vai querer explicar isso?

— É... É da minha esposa.

— Ah, é? E por que tá com você?

— Ela sempre pede pra eu guardar pra ela quando saímos.

— Num jogo de futebol — observou o grandalhão.

— Ela que deu carona.

— Claro. Cutícula e base?

— Se eu não tiro, inflama tudo. É um horror. E a base é recomendação da dermatologista.

— Tenho certeza — disse ele, preparando os punhos.

Foi nesse momento que o Brutus se desequilibrou e, tropeçando no torcedor ao lado, se estatelou no degrau de baixo. Do seu bolso caiu outro estojo de maquiagem; igual ao do Ricardo.

A torcida ao redor, boquiaberta, não acreditou na mancha rosa do estojo.

O Brutus levantou num pulo, se recompôs, guardou o estojo de volta no bolso do short com pressa e apontou o dedo para o Ricardo.

— A tua sorte é que a minha mulher tem o mesmo costume que a tua. Dessa vez passa.

E subiu uns degraus até sumir no meio da torcida em silêncio.



## Palavra



“A amizade é um pacto, uma convenção. Dois seres se comprometem tacitamente a nunca pôr à luz o que cada um no fundo pensa do outro. Um tipo de aliança fundada em arranjos. Quando um deles assinala em público os defeitos do outro, o pacto está devassado, a aliança rompida. Nenhuma amizade dura se uma das partes se nega a jogar o jogo. Em suma, nenhuma amizade atura uma dose exagerada de franqueza.”

**EMIL CIORAN**

NASCIDO EM RASINARI, ROMÊNIA, EM 1911, O ESCRITOR E FILÓSOFO, AUTOR DE “NOS CUMES DO DESESPERO”, “O LIVRO DAS ILUSÕES”, “BREVÍARIO DE DECOMPOSIÇÃO” E “SILOGISMOS DA AMARGURA”, MORREU EM PARIS, FRANÇA, EM 1995.

*Cioran*

Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

**EXPEDIENTE**  
EDITOR: O. A. SECATTO  
COLABORADORES: GIL PIVA,  
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E  
JACQUELINE PAGGIORO  
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO



Poesia

O professor Lino Marfioli novamente brinda este caderno com sua profunda e pulsante poesia



LINO MARFIOLI

# A SEDE DAS ÁGUAS (Que mistério tem Clarice?)

*Para Pedro Olavo dos Santos, amigo que, como eu, conhece a sede das águas*

Sede grande  
não é a soma de sedes pequenas.  
É oceano de fogo, batendo  
atrás de uma porta trancada.  
É adaga de vento, no meio da noite,  
erçando crespas palavras de espanto  
numa boca de pedra.

(Já não sei o amor.  
Sequestrei o silêncio e a voz.  
Descasquei-me em camadas de medo.)

Sede grande  
dispensa presença de olhos.  
Basta o vazio,  
o sem-gesto das mãos,  
a implacável nudez do desejo.  
Sede grande — mudo oásis deserto —  
incrustado no peito.

30/09/2009

# HAMLETIANA (Ser o não-ser, eis a questão)

*“A vida é um instante de luz entre duas eternidades de trevas.”*  
Eu, parafraseando Bachelard

Já não era o sabor de espanto  
no subsolo da língua.  
Era assimetria de voz, indecisa,  
na penumbra do ser.  
Lancinante estalar de silêncio,  
perfurando o vazio...  
Como um rio de treva,  
encachoeirado de gritos...

Era tumulto ígneo, e desejo lasso.  
Nervura de gesto e renúncia.  
Era o que não era, mas foi.  
E tendo sido e sendo, será.  
Porque assim tem de ser.  
Agônico não-entender,  
(inexplica-se todo  
o misterioso sem-mistério da vida).

25/05/2012

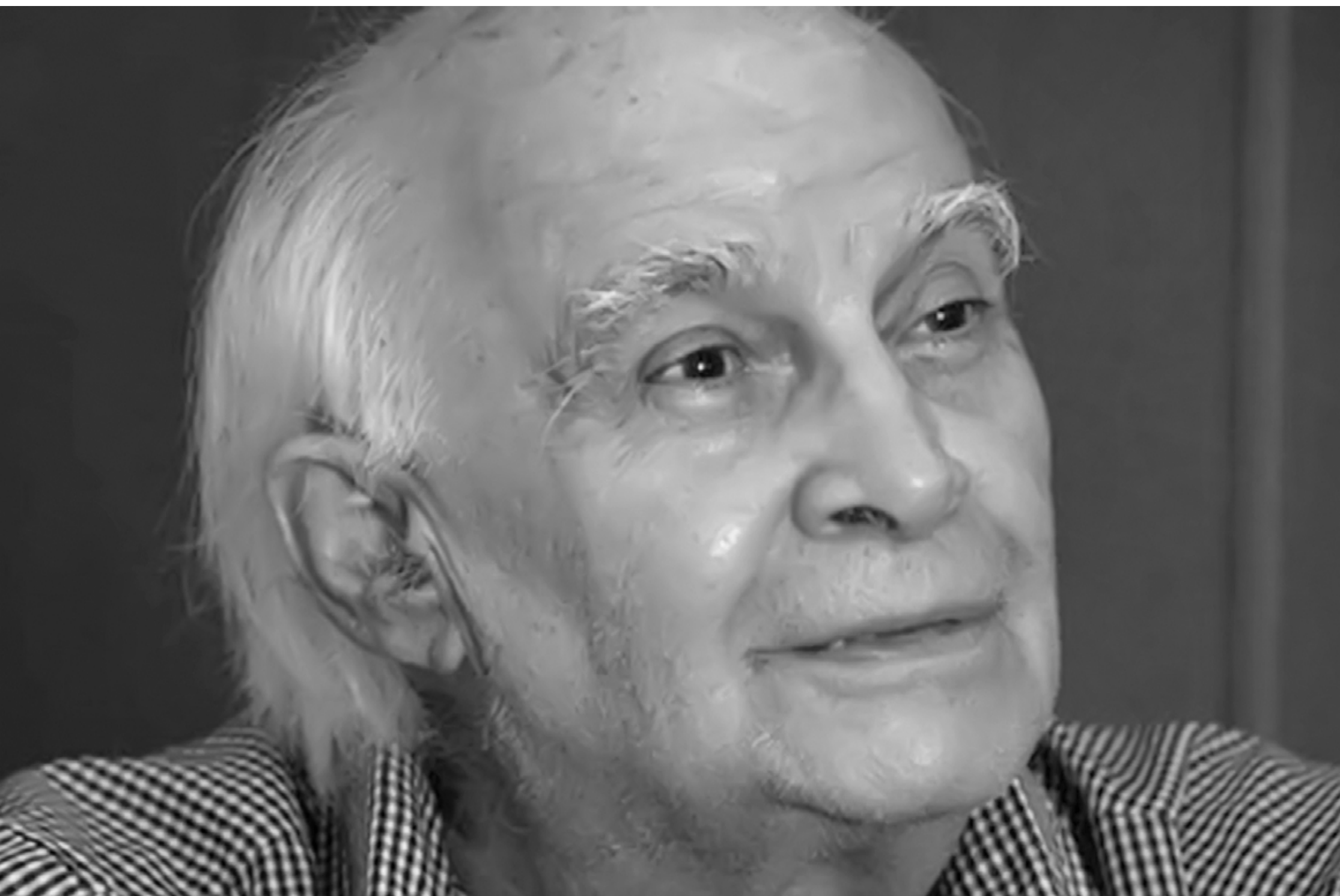
\*  
**LINO MARFIOLI**  
é professor aposentado



**Capa**

Exemplo irretocável do jornalismo combativo entre 1969 e 1971, João Carlos Teixeira Gomes, tempos depois, tornou-se um escritor polivalente, professor e crítico contumaz da política brasileira

# JOÃO CARLOS TEIXEIRA GOMES: O HOMEM QUE TRAÇOU A GENEALOGIA DO MAL NA HISTÓRIA DA POLÍTICA BAIANA



GIL PIVA

O jornalista e escritor baiano João Carlos Teixeira Gomes (o Joca) foi responsável por um dos momentos mais marcantes da história brasileira, entre 1969 e 1971, quando esteve a cargo do *Jornal da Bahia* — um dos mais respeitados da época. Em meio à ditadura, sua trajetória profissional incluía perseguições, retaliações e uma infinidade de atitudes espúrias que o falecido Antonio Carlos Magalhães (ACM), senhor de uma política coronelista, fazia de seus desmandos um fenômeno à maneira militar.

Defensor da liberdade de expressão, João Carlos, a rigor, não se intimidou e enfrentou qualquer tipo de repressão consagrando sua verve intelectual; assim, se ACM possuía o apelido de “Toninho Malvadeza”, em contrapartida João Carlos merecidamente recebeu a alcunha de “Pena de Aço”.

Em 2001, João Carlos Teixeira Gomes lançou o corajoso *Memórias das Trevas — Uma devassa na vida de Antonio Carlos Magalhães* (Geração Editorial), onde narra toda a trajetória tumultuada daqueles anos e aproveita para esclarecer como períodos turbulentos não se encerram de modo simples. Ainda hoje o livro é considerado um referencial para se entender vários aspectos históricos da política não só baiana como nacional.

João Carlos também foi responsável por

outro livro de extrema importância cultural: *Glauber Rocha: Esse Vulcão*. Uma biografia sobre o cineasta Glauber Rocha, de quem o autor fora amigo íntimo, mas que, publicado em 1997 pela Nova Fronteira, infelizmente se mantém esgotado e sem novo interesse editorial.

Em entrevista muito agradável concedida ao *Cultura!*, o escritor e colunista do jornal baiano *A Tarde*, um dos mais antigos do Brasil, com 82 anos, surpreendeu com seu modo atencioso e solícito. Irreverente e crítico, sua pessoa comunga essas duas qualidades — acometidas, ora ou outra, de deliciosas nuances na fala, beirando um tom declamatório e elevando seu poder de narração —, de modo que não se percebe o tempo passar.

Como se verá, João Carlos não deixou nenhuma pergunta sem resposta, e, como ele mesmo ressaltou: “Prontifiquei-me de respondê-las integralmente”.

**• Você que viveu de perto os tempos inglórios da ditadura, como se sente ao ver uma grande parcela da população clamar por uma intervenção militar?**

É consequência do desespero social diante do clima de corrupção generalizada que devasta o Brasil.

**• Em vista disso, a cidadania do país estaria tão frágil, como alegou há poucos dias o**

**sociólogo Reginaldo Prandi, em entrevista para a “Folha de S. Paulo”?**

A cidadania não está frágil, frágil, sim, é a crença da sociedade nas instituições sociais, jurídicas e políticas. A cidadania esteve presente nos protestos de 2013, por exemplo. Dilma começou a afundar diante daquela massa incoercível de indignados, que persiste, mostrando a cidadania ativa e vigilante.

**• E a própria imprensa, ainda hoje, continua também sendo alvo de críticas, como é o caso de uma descrença no papel da Rede Globo, que vem desde seus tempos no “Jornal da Bahia”. A Globo ainda merece essa desconfiança, ou se trata de um exagero fazer esse tipo de relação, uma vez que as informações são de extremo imediatismo?**

A Globo sempre foi comprometida com seus interesses, mas, no caso das denúncias contra Lula e o PT, apenas uma voz ao imenso clamor nacional contra o mensalão, o saque na Petrobrás, a corrupção dos líderes petistas abandonados inclusive pelas lideranças históricas do partido, como Heloisa Helena, Walter Pinheiro, na Bahia, Sampaio, Chico Alencar, ou correligionários como Frei Beto, etc., etc.

**• Em seu consagrado livro “Memórias das Trevas — Uma devassa na vida de Antonio Carlos Magalhães”, você bem comentou essa ardilosa relação entre política e im-**

**prensa, como, por exemplo, as concessões de rádio e TV...**

A imprensa brasileira, sobretudo a do eixo Rio-São Paulo, tem uma tradição de subserviência ao poder. Jornalistas conhecidos do Globo, *Folha*, *Veja*, o próprio Mino Carta, tinham medo do violento ACM. Jô Soares e Marília Gabriela o entrevistaram com servilismo. Na imprensa escrita o Malvadeza fazia o que queria. Uma vergonha!


**• No livro, encontramos um relato histórico a partir de sua experiência como jornalista no “Jornal da Bahia”. Durante a narrativa, não passa despercebido ao leitor como o embate político entre ACM e o jornal logo se transformou numa perseguição pessoal por conta dele, e numa semeada defesa por sua parte. Tais episódios ainda giram em torno de sua vida? Claro! Resistir à violência carlista foi um ato de bravura raro em todo o Brasil, sempre intimidado pela capacidade de perseguir do tirano da Bahia. Mino Carta chegou a escrever editoriais para o jornal baiano de ACM, ajudado, também, pelo Marinho da Globo.**

**• Sempre resgato a lembrança da tentativa de suspensão de sua entrevista (que seria ao vivo, em 2001, para o lançamento do livro) na TVE do Rio de Janeiro movida, poucas horas antes, pelo “Observatório da Imprensa”. Como se deu o ocorrido? Afinal, de certo modo, obstáculos semealhantes deram-se também no meio da editoração, segundo interesses políticos e privados, não foi?**


Dines [Alberto Dines, jornalista que ficou fa-

Em nenhum outro estado brasileiro um jornal registrou façanha igual. ACM era o soba mais poderoso entre os civis adutores dos militares





**O LABIRINTO DE ORFEU**  
**Autor:** João Carlos Teixeira Gomes  
**Editora:** Topbooks  
(R\$ 40)



**A ARCA DOS MEUS TESOUROS**  
**Autor:** João Carlos Teixeira Gomes  
**Editora:** Caramurê  
(R\$ 48)

moso por apresentar o programa “Observatório da Imprensa”], no início, recuou, mas logo depois manteve a entrevista que foi um absoluto sucesso. Dei naquela noite um show de coragem, equilíbrio e competência. Fui bravo em todo esse episódio inédito, comprometendo a subserviência e o mercantilismo da imprensa nacional.

• **Na época do lançamento, “Memórias das Trevas” vendeu 25.000 exemplares em apenas seis dias e uma lista de espera para leitores também impressionava. Se fosse revisar o livro hoje para um relançamento, mudaria algo? Teria o que acrescentar, você sente que um ou outro item merecia atenção melhor?**

Claro que teria que aperfeiçoar alguns trechos e usar de maior contundência no livro. Temendo que jamais poderia publicá-lo não fui duro em certos episódios como deveria ter sido. ACM era um filho da puta que não podia ser tratado com nenhuma condescendência. Apesar de tudo, a coragem do livro assombrou o Brasil de jornalistas covardes ou omissos. Somente o *Estadão* nos ajudou com boa cobertura.

• **Antes de mudarmos de assunto, gostaria de “esclarecer” uma dúvida particular sobre o livro. Como disse, sua narrativa ganha a cada página um tom mais pessoal, e você chega a elaborar um capítulo considerável relatando as viagens que fez quando deixou o “Jornal da Bahia”. Fiquei surpreso com esse capítulo, afinal eu tinha em mãos uma obra cujo objetivo principal era o de desvendar os bastidores políticos. Por que a mudança de “ares”?**

Para provar ao público que eu não era um jornalista raivoso ou vingativo, que tinha uma bagagem cultural que me punha acima do apenas “Pena de Aço”, ou seja, o jornalista de combate em que acabei me transformando. Daí ter discorrido sobre minha vida cultural, fato que não agradou a certos leitores por encompridar o livro e diversificar o episódio da luta heroica do *Jornal da Bahia*, inigualável no Brasil da época. Advirto: em nenhum outro estado brasileiro um jornal registrou façanha igual. ACM era o soba mais poderoso entre os civis adúladores dos militares. Façanha soberba que eu comandeí no *Jornal da Bahia*

naquela época brutal. Tenho que me orgulhar disto pelo resto da vida! Imagine as dificuldades que enfrentei pessoal e emocionalmente com essa luta gigantesca! Em plena ditadura militar, combater um tirano violento, corrupto e perseguidor!

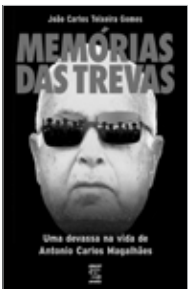
• **O filósofo e ex-secretário da Educação do governo Dilma, Renato Janine Ribeiro, disse recentemente que um dos problemas do PT nesses anos se deu ao fato de o governo ficar se vangloriando por suas conquistas e se esquecer de traçar novas metas e planos progressistas. Qual sua opinião a respeito? Como você avalia esses anos dos governos Lula e Dilma?**

Nada de filosofias! O problema do PT é simples de ser analisado: simplesmente, as lideranças do PT não tinham capacidade política e cultural (que esperar de um partido orientado por Duda Mendonça e João Santana, dois oportunistas e mistificadores?) e se corromperam com as facilidades criadas pelo poder. Apenas isto: corrupção em alta escala, ânsia infinita de permanência no poder.

• **Em seu último livro, “O Chamado da Tribo”, Mario Vargas Llosa afirma que “a doutrina liberal tem representado desde suas origens as formas mais avançadas de cultura democrática e o que mais nos defendeu do inextinguível”. Não está, de certo modo, implícita uma estranheza latina nesse pensamento? Uma vez que a América Latina tem se posicionado contra o monopólio capitalista?**

A doutrina liberal é a doutrina do oportunismo capitalista, a ausência de responsabilidade social, o proveito dos engordadores do dinheiro, o massacre das camadas deserddas e cativas. Leva a formas alternativas de dependência e de escravidão.

• **Para as próximas eleições nada mudou: não há renovações partidárias e as representações parecem engessadas, refém de um “confederalismo” maniqueísta que**



**MEMÓRIAS DAS TREVAS**  
**Autor:** João Carlos Teixeira Gomes  
**Editora:** Geração Editorial  
(R\$ 54,90)

**isola por completo um plano de governo real. O que o eleitor deve esperar daqui para frente? Que mudança seria possível sinalizar? Insisto, você teme a ditadura?**

Nós já vivemos há longos anos na ditadura dos corruptos e dos incompetentes. Precisamos rejeitar a sacralização de certas palavras. O quadro político que aí está representa o prolongamento da ditadura das incompetências. E há certos setores do STF que buscam avidamente proteger os corruptos e corruptores da nação da Operação Lava Jato. A Segunda Turma do Supremo é uma ameaça à limpeza ética do Brasil.

• **Outro livro seu imprescindível é “Glauber Rocha: Esse Vulcão”, cujo teor se dispôs a explorar o (falso?) mito de artista boêmio e inconsequente. Como era a convivência com ele?**

O “Vulcão” Glauber era um companheiro solidário e terno. Convivi com um gênio, um homem lúcido e capaz, com uma notável antevisão dos fatos sociais, culturais e políticos. Esgotou-se para fúria do seu talento criativo. Glauber

percebeu bem cedo que a democratização só poderia vir com o apoio dos setores do militarismo. Foi punido pelos fanáticos que ajudaram a derrubar Jango pelas pressões.

• **É lamentável que esse livro tenha caído nas malhas do esquecimento editorial. Creio que esse descaso envolve, novamente, resquícios dos áureos anos tempestuosos — pois sua imagem de jornalista afrontoso resiste —; e por isso, talvez, representa muito mais do que um declarado desinteresse mercadológico?**

Esse livro foi colocado em segundo plano pela camarilha cultural de Rio e São Paulo e jamais reeditado. É um absurdo tão grave que me entala a garganta e nem dá vontade de analisar. Símbolo da miséria cultural e editorial de um país capenga.

• **Como você encara o cinema brasileiro de hoje? Falta um tom poético “à la” Glauber?**

Sem rumo ou criatividade. Sem direção. Apático!

• **Como literato, produziu ensaios, poemas e se tornou membro da Academia de Letras da Bahia — que, por ironia, também tinha como membro ACM (risos). Depois, abandonou o jornalismo, como você mesmo deixou claro no “Memórias das Trevas”, resolvendo se especializar e lecionar literatura. Dedicar-se à literatura significou para você um momento tão entusiástico quanto o de ser jornalista?**

Jamais. Descobri que os professores de literatura são os maiores inimigos da literatura. Nos departamentos impera a mediocridade.

• **Como recorda sua obra? Os incríveis episódios que se transformaram em matéria-prima para, em seguida, constituí-la no centro vital de seu trabalho?**

Eu considero uma obra digna, vasta e relevante. Mas viver na Bahia é viver no exílio. O Brasil é um foco de mistificadores literários. Os bandos de Rio e São Paulo controlam tudo, desde as viagens literárias, as edições e os prêmios. Nosso país é um arquipélago cultural de ilhas desentrosadas.

• **Para encerrar, poderia dizer em qual projeto está trabalhando atualmente?**

Acabei um livro sobre a Geração Mapa [*seleto grupo de artistas e intelectuais estimulados por um pensamento crítico-criativo que propunha “mapear”, em tom de vanguarda, estilos e gêneros culturais da Bahia que iam da música aos desenhos, da literatura ao cinema, etc. Entre seus expoentes, encontravam-se Dorival Caymmi, Jorge Amado, Glauber Rocha e próprio João Carlos Teixeira Gomes*], a ser lançado ainda este ano, e estou terminando o *Escritos Incendiários do Pena de Aço*. Aos 82 anos, continuo sendo chamado de “espada de fogo”, “pena de aço”, “tigre da Sibéria”, “leão da Pituba”, “urso dos Urais”, “tubarão do Leblon”. Em meu livro *A Brava Travessia* (Caramurê, 2016), com mais de oitenta fotos, narro minhas viagens pelo mundo, até a China, Mongólia e a Sibéria, pela transiberiana. Brava e longa vida! Daí ter obtido tantos apelidos curiosos, destacando minhas escaladas mundiais e minhas lutas. O escritor Ramiro de Matos afirmou que minha vida “é um exemplo de insurgência”.



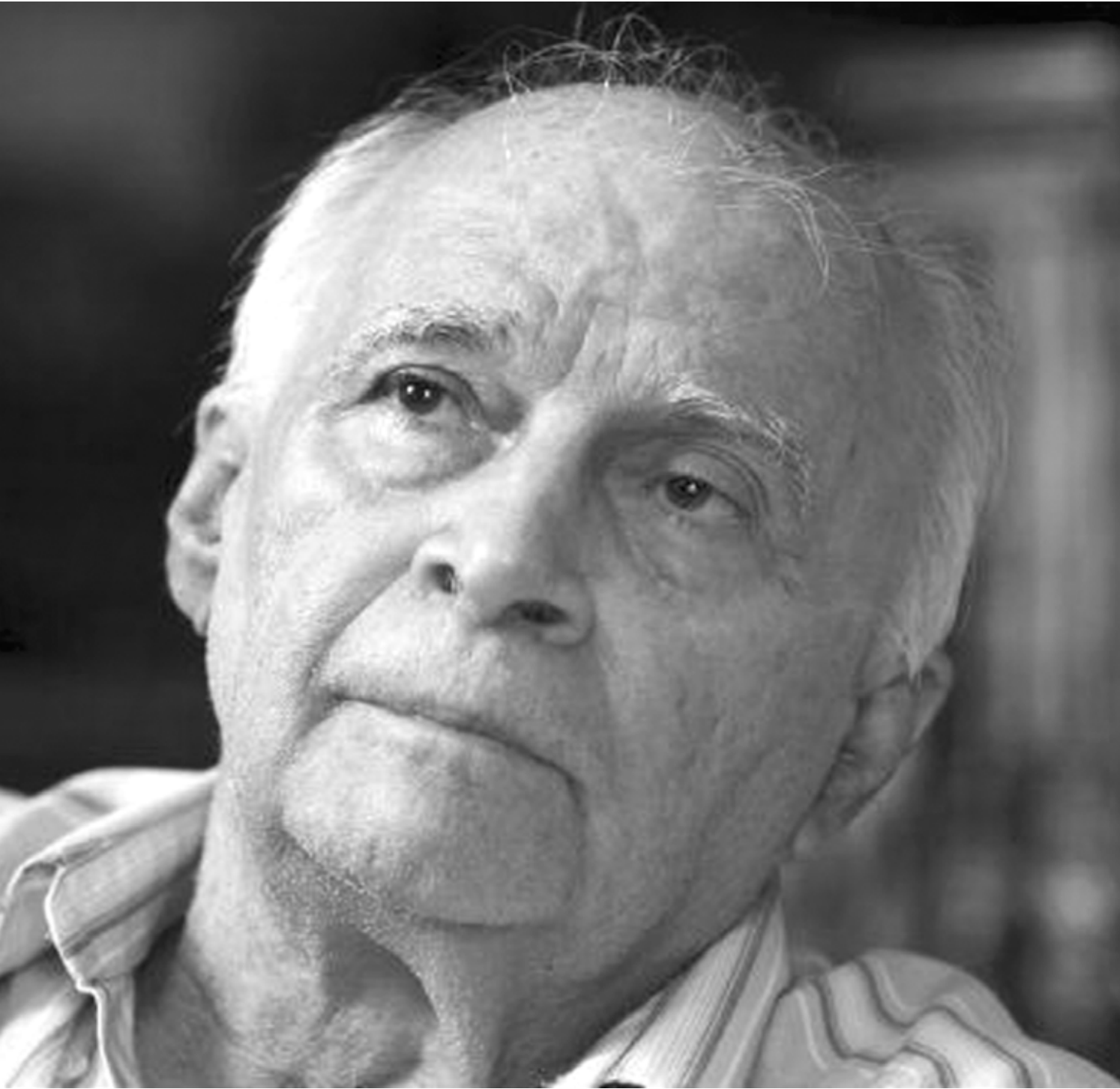
#### Troia.

O autor na cidade de Troia, celebrada por Homero; ao contrário do que muitos acreditam, a cidade não se localiza na Grécia, mas na Turquia



#### Heróis.

No Museu da Guerra de Moscou, o exército vermelho fez a estátua como símbolo para homenagear os cães que enfrentaram os nazistas, levando bombas nas coleiras





**Música**

Com a morte de Aretha Franklin, apaga-se mais uma luz do panteão das grandes divas da voz

# O FIM DA ERA DAS DEUSAS DA VOZ

ZÉ RENATO

**Q**uem assistiu ao filme *The Blues Brothers* (Os Irmãos Cara-de-Pau, no Brasil), certamente há de se recordar de uma voz feminina exuberante. No momento em que os irmãos vão a uma lanchonete em busca de seu antigo guitarrista — pouco depois da maravilhosa apresentação de John Lee Hooker —, ao entrarem no estabelecimento, são recebidos por uma mulher — no filme, a esposa do tal músico — que, num determinado momento, solta a voz. A fim de exigir que o marido não os siga, canta um *soul*, mesclado com gospel: *Think*.

Essa é Aretha Franklin. Nascida no mítico Tennessee, em Memphis, sul dos Estados Unidos, terra da negra voz, dos *blues*, dos *gospels*, dos *spirituals*. Filha do reverendo Charles L. Franklin, cujo templo recebia lendas do *gospel* como Mahalia Jackson, Dinah Washington, gente do *soul* como Sam Cooke e Jackie Wilson.

Cedo, Aretha despertou o interesse do público pela voz.

A família mudar-se-ia para Detroit, templo da Motown, embora não gravasse nessa empresa. Era estrela da Columbia Records.

Falar de belas vozes negras dos Estados Unidos é uma tarefa hercúlea, na medida em que historicamente é uma tradição que remonta ao início do século anterior. Bessie Smith é uma das primeiras divas, seguem Billie Holiday, Ella Fitzgerald, Alberta Hunter, Nina Simone, Etta James, Sarah Vaughan, Ma Rainey, Koko Taylor, Sippie Wallace, por exemplo. Aretha, inegavelmente, encontra-se nesse panteão.

Não citei Mahalia Jackson, em razão desta recusar-se a gravar comercialmente. No seu entender, sua voz era apenas para louvar o senhor, como afirmava.

Inserir a voz de Aretha Franklin nesse rol não é pouco. Dá a devida dimensão de seu tamanho na música.

Embora não tenha sido uma cantora de muitos sucessos

comerciais, agraciou vinte e um prêmios Grammy — prova de sua incontestável qualidade — e foi alçada ao Rock and Roll Hall of Fame em 1987.

Cantou na posse de Obama em 2009. Apresentou-se no Royal Albert Hall, Inglaterra, na presença da rainha Elizabeth II. Comprovando sua nobreza e exuberância. Marcada como a voz do movimento dos direitos civis, a voz da América Negra, a voz da igualdade racial, comprova o privilégio de gente do poder tê-la ao lado.

A revista *Rolling Stones* fixa-a entre as dez maiores vozes da música. Não é pouco.

Sua morte provoca um imenso vazio na música, sobretudo naquela exalada das mais belas vozes dos Estados Unidos. Encerra uma era caracterizada pelas grandes divas. É mais uma prova indelével do esfacelamento de uma época

de grandes artistas.

Era a última das divas vivas.

Descanse em paz, Diva.

**Sua morte provoca um imenso vazio na música, sobretudo das mais belas vozes dos EUA; encerra uma era marcada pelas grandes divas**



**Juventude.**  
Aretha Franklin em 1960



**The Blues Brothers.**  
Com John Belushi e Dan Aykroyd (que foi coautor do roteiro)



**Esposa estrela.**  
Com o guitarrista Matt Murphy, no filme "The Blues Brothers", de 1980

